



ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

28ª CONFERÊNCIA SANITÁRIA PAN-AMERICANA **64ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL**

Washington, D.C., EUA, 17 à 21 de setembro de 2012

CSP28/DIV/5
ORIGINAL: INGLÊS

**PALAVRAS DE ABERTURA DA DIRETORA-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL
DA SAÚDE NA 64ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL
DA OMS PARA AS AMÉRICAS**

Dra. MARGARET CHAN

**PALAVRAS DE ABERTURA DA DIRETORA-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL
DA SAÚDE NA 64ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL
DA OMS PARA AS AMÉRICAS**

Dra. Margaret Chan

17 de setembro de 2012

**28ª CONFÊRENCIA SANITÁRIA PAN-AMERICANA
Washington, D.C.**

Sr. Presidente,
Exmos. Srs. Ministros,
Ilustres Delegados,
Exma. Sra. Dra. Mirta Roses,
Senhoras e senhores,

Permitam-me começar agradecendo à Dr. Roses tantos anos de maravilhosa e instrutiva colaboração. A Região das Américas tem ocupado com frequência o primeiro lugar no mundo das realizações em matéria de saúde.

Como a erradicação da poliomielite. Como a eliminação do sarampo, da rubéola e da síndrome da rubéola congênita. Como as primeiras semanas da vacinação, que agora ocorrem pelo mundo afora.

Como baixar o preço de medicamentos essenciais, inclusive antirretrovirais. Como o seu firme compromisso com a atenção primária à saúde e com a cobertura sanitária universal como imperativos éticos e políticos.

Como inovações de política, inclusive as transferências condicionadas de dinheiro, que já tiveram tal impacto sobre o acesso à assistência, inclusive atenção preventiva.

E como a adoção de políticas públicas saudáveis, que abordam os determinantes sociais da saúde e alcançam a coerência de políticas entre múltiplos setores do governo.

A Dra. Roses deixa para trás um sólido e notável legado. Eu me orgulho dos avanços desta região. Tenho orgulho da liderança de sua Diretora Regional.

A OMS e seus Estados Membros estão a enfrentar duas grandes tarefas, onde é imperioso fazer tudo direito.

A primeira é a reforma da OMS. A segunda é colocar a saúde na agenda de desenvolvimento pós-2015.

A reforma da OMS está na sua agenda. Seu documento sobre esse tema indica a ênfase dada à participação dos países no processo de reforma.

Permitam-me agradecer-lhes por dedicar tanto tempo a este importante processo, antes e depois desta sessão, e por fazer um esforço especial para recolher conselhos no âmbito nacional, onde mais importam.

Desde o princípio, o processo de reforma esteve nas mãos dos Estados Membros. Vocês têm consigo o projeto do 12º Programa Geral de Trabalho e do próximo orçamento para programas.

Esses documentos deixam claro como a fixação de prioridades funciona na prática.

Os Estados Membros pediram que ambos os documentos fossem analisados por Comitês Regionais e posteriormente revistos pela Secretaria. Por favor, tenham em mente que ambos os documentos são obras em curso.

Senhoras e senhores,

A data visada para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio está se aproximando rapidamente. O debate sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015 está em pleno andamento. **Podem estar certos: a OMS está assumindo** um papel de liderança no encaminhamento desse debate através de procedimentos que visam recolher uma ampla variedade de pontos de vista.

Como eu já disse, é imperioso fazer tudo direito. Os MDMs influenciaram fortemente as prioridades de desenvolvimento e direcionaram fluxos de recursos.

Será forte a tentação de aumentar o número de metas, em vez de manter a agenda precisa, direcionada e factível.

Os MDMs nos ensinaram que a saúde merece um lugar de destaque em qualquer agenda de desenvolvimento. Saúde é condição prévia do desenvolvimento. É um poderoso agente do progresso socioeconômico.

Como os seus fatores determinantes são tão diversos, a saúde é um indicador sensível do impacto que as políticas exercem em todos os setores do governo sobre o bem-estar dos cidadãos.

Apenas a título de exemplo, se as políticas para o comércio, as tarifas e os subsídios agrícolas causam uma disparada no preço dos alimentos, serão bem claros os efeitos adversos no setor da saúde.

As mudanças no estado da saúde também serão o sinal mais pronta e fidedignamente detectado de que é preciso ajustar as políticas.

Esta é outra razão por que me orgulho dos países desta região. Vocês provaram que pelo menos alguns economistas erraram.

Um pensamento econômico convencional decreta que os países em desenvolvimento devem primeiro conseguir o crescimento econômico para depois investir em serviços sociais, inclusive a saúde.

Nesta região há experiências que ensinam outra lição. Alguns países latino-americanos que investiram primeiro em seu capital humano e social foram dos primeiros a alcançar e manter o crescimento econômico.

Podemos todos sentir o prazer de testemunhar o documento final que resultou da cúpula Rio + 20, dando à saúde um lugar central como condição prévia para o desenvolvimento e indicador do desenvolvimento.

Este documento também acentuou a importância da cobertura sanitária universal para melhorar a saúde, a coesão social e o desenvolvimento humano e econômico sustentável.

Os MDMs foram um acordo entre os países em desenvolvimento e suas necessidades, de um lado, e do outro os países ricos que prometeram tratar dessas necessidades empenhando recursos financeiros, capacidade técnica e inovação.

Em resumo: um acordo entre possuidores e despossuídos visando reduzir brechas nas condições de vida, amenizar a pobreza e aliviar vasta miséria humana.

Quando consideramos a natureza das ameaças que hoje rondam a saúde, porém, vemos que um simples acordo entre possuidores e despossuídos não basta para captar sua complexidade.

Estou falando de um clima em processo de mudança, de mais emergências e desastres, mais zonas de conflito violento, custos de assistência de saúde em ascensão, preços de alimentos em ascensão, envelhecimento demográfico, urbanização veloz, e da globalização de estilos de vida insalubres.

Estou falando de uma recessão econômica **persistente**, da insegurança financeira, das oportunidades minguantes, principalmente para os jovens e as classes médias, da pobreza que segue se aprofundando, e de desigualdades sociais que continuam em expansão.

Estas são tendências universais, e muitas delas conduzem ao implacável alastramento das doenças não transmissíveis.

Ao meu ver, uma das melhores formas de responder a todos esses desafios é incorporar a cobertura universal de saúde à agenda de desenvolvimento pós-2015. Na minha opinião, a cobertura universal é, isoladamente, o mais potente dos niveladores sociais.

Num momento em que, em tantos setores, as políticas estão de fato agravando desigualdades sociais, eu ficaria encantada vendo a saúde liderar o mundo rumo a uma justiça maior de maneira que importem para todas as pessoas deste planeta, sem exceção.

Muito obrigada.